

A PRODUÇÃO SOCIAL-HISTÓRICA DO AMOR

Vergas Vitória Andrade da Silva
Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFRN
vergasvitoria@yahoo.com.br

Introdução

Ao trazer à baila as discussões a respeito do *amor*, atesta-se aqui, sem detença, que “cada cultura reserva-lhe um espaço privilegiado em seu sistema, representando-o à sua maneira. E o amor não muda só no espaço, mas no tempo também. [...] Isso porque [...] o amor e as formas de amar se transformam ao longo dos séculos”. (DEL PRIORE, 2005, p. 12). É a partir dessa proposição, lugar comum nas ciências humanas, que se sustenta a perspectiva da qual este trabalho é partidário, qual seja: que o amor é forjado pelo concurso das ações humanas, que ele é uma produção social-histórica apresentando significações distintas conforme sua localização cultural.

Por conseguinte, o *amor*, do ponto de vista dessa orientação teórica, é tido como uma emoção *mundana*. É assim que ele pode ser classificado: como um complexo emocional feito de crenças, julgamentos, sensações e sentimentos. O psicanalista Jurandir Freire Costa (1998, p. 12) em suas discussões a respeito do ideal de amor romântico¹ corrobora com tais assertivas e assegura que o *amor* é um construto humano, uma crença emocional,

[...] e como toda a crença, pode ser mantida, alterada, dispensada trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum dos seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgamos melhor para todos e cada um de nós.

Tomando essas asserções como corretas, pode-se inferir, então, que “os homens, assim como as mulheres, apaixonam-se e apaixonaram-se através de todo o passado documentado” (GIDDENS, 1993, p. 70), de maneira que se pode observar distintos episódios de atração sexual, acompanhados de atração sentimental (*amorosa*), entre duas pessoas, em diferentes sociedades. No que tange a essa afirmativa, Octávio Paz

(1994, p. 34) a confirma e garante que “não há povo nem civilização que não possua poemas, canções, lendas ou contos nos quais a anedota ou o argumento [...] não seja o encontro de duas pessoas, sua mútua atração e os esforços e dificuldades que devem enfrentar para se unirem”. Todavia, o que está em jogo aqui é a discussão a respeito das diferentes formas culturais e históricas de expressar este sentimento. É, pois, pelo fato de o *amor* marcar sua presença em diferentes culturas e épocas que a forma de expressá-lo é diferente. É o que este trabalho pretende demonstrar.

Enunciações do “amor” antes do principiar do Cristianismo?

Na antiga Mesopotâmia, conforme estudo realizado pelo historiador Bottéro (1992, p. 25), a questão do erotismo/sexo sempre marcou presença nas relações entre homens e mulheres. Todavia, o que esse estudo também demonstra são evidências de um *tipo de amor*, que se vê representado em poesias, a exemplo do poema abaixo, no qual se pode observar, segundo o historiador, “uma exaltação do amor puro e desinteressado de uma mulher”. A conotação não é exclusivamente sexual, mas *amorosa* também.

Mas não, ela não te ama!/Que Ishtar-a-Soberana a confunda/ E que ela perca,
como eu, o sono,/ E passe noites transtornada e deprimida! [...]/Sim! Eu
abraçarei o meu querido;/ Eu lhe darei beijos/ E não pararei de comer-lhe os
olhos!/ Assim o ganharei de minha rival;/ Assim reencontrarei meu bem
amado! [...] Pois é teu encontro que eu procuro,/ É de teu amor que tenho
sede!

Nesse mesmo sentido, tem-se o livro da bíblia “Cântico dos Cânticos”. Ele parece registrar, numa de suas passagens, formas de expressões *amorosas*. Na verdade, esse livro é uma poesia, composta provavelmente no século IV a.C., direcionada ao Rei Salomão, a qual se anuncia um *amor* que parece compartilhar de significações que não são somente de ordem sexual.

Ah! Beija-me com ósculos da tua boca!/ Porque os teus amores são mais
deliciosos que o vinho,/ e suave é a fragrância de teus perfumes;/ o teu nome
é como um perfume derramado; por isso te amam as donzelas/ Leva-me atrás
de ti, corramos/ O rei introduziu-me nos seus aposentos/ Exultaremos e nos
alegraremos em ti/ Cantaremos os teus amores mais suaves que o vinho/
Quanta razão há de ti amar.

De igual modo, ver-se o *Banquete* de Platão, obra célebre que prenuncia imagens do *amor grego*. Ele é considerado o primeiro tratado de amor da história, escrito no século V a. C. Trata-se de uma compilação de vários discursos ou elogios ao *amor*, pronunciados por sete comensais. A partir dos discursos pode-se conferir, guardadas as devidas proporções, o estilo e pensamento da época.

No referido banquete, entre os sete discursos anunciados um deles merece destaque. Trata-se do discurso de Aristófanes que, para explicar a misteriosa atração física que uns sentem pelos outros, recorre ao “mito dos andróginos”. Esses eram seres duplos, considerados muito fortes e inteligentes, que representavam para os deuses uma ameaça. Assim, para submetê-los, Zeus decidiu dividi-los. Desde então, as metades separadas andam em busca de sua metade complementar. Fundou-se aí o mito da *alma gêmea*, que será resgatado mais tarde, no século XVIII, pelo ideário romântico.

Entretanto, outro discurso também digno de destaque é o proferido por Sócrates. Ele relata aos ouvintes uma conversa que teve com a sacerdotisa, Diotima de Mantinéia. Em seu discurso, Sócrates reproduz a conversa tida com ela e denuncia o caráter contraditório do *amor* ao revelar que ele é filho da pobreza e da abundância “e isso explica sua natureza intermediária: comunica luz com sombra. Como filho da pobreza, busca a riqueza; como filho da abundância, distribui bens”. (PLATÃO apud PAZ, 1994, p. 42).

Em outro período histórico, na Antiguidade greco-romana, conforme estudo desenvolvido por Paz (1994, p. 64), as “imagens pré-históricas do amor no Ocidente” ocorreram com maior expressão em duas grandes cidades: Alexandria e Roma, onde os “romances gregos do período [...] são ricos em histórias de amor”. Esse período conheceu o *amor* quase sempre como uma *paixão dolorosa*, contudo, não menos digna de ser vivida e, em si, desejável. Essas *verdades* sobre o *amor* eram legadas por poetas, com destaque para Catulo, que, em seus poemas, exprimia visões negativas sobre o amor: ciúmes, traições, abandono, morte.

Desta forma, o *amor*, como instituído pela antiguidade greco-romana, só seria adequado se imaginado como um sentimento voltado para algo que transcendia a vida

mundana e aspirava à eternidade (COSTA, 1998), ou seja, o *amor* estava ligado à idéia de um Bem Supremo. Apesar da existência da expressão do *sentimento amoroso* nesse período, o mundo antigo não chegou a conhecer ou instituir uma *doutrina do amor* com idéias, práticas ou condutas que fossem encarnadas e compartilhadas por uma coletividade, como, por exemplo, ocorreu na Idade Média européia com o aparecimento do amor cortês.

O amor de cortesia do século XII

O amor cortês surge na Europa do século XII como um ideal de vida superior. Era caracterizado por uma idéia de amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução. Os poetas o inventaram e, nesse sentido, a literatura sobre o amor cortês é vastíssima. Para a expressão do sentimento amoroso, era comum entre os poetas a elaboração de cantigas como a conhecida Cantiga da Ribeirinha:

No mundo não conheço que se compare a mim/ Enquanto me for' como me vai,/ Ca já morro por vós – e ai/ Minha senhora alva e de faces rosadas/ Quereres que vos retrate, Quando vos eu vi sem manto/ Mau dia me levantei,/ pois percebi que não éreis feia/ E, mia senhora, desde aquele dia,/ Me foi a mi muin mal,/ e vos, filha de dom Paoi/ Moniz, e bem vos parece/ Receber por seu intermédio certa veste de luxo,/ Pois eu, mia senhora, de presente nunca de vos ouve nem ei/ qualquer coisa de pouco valor.

Partindo daí, nota-se como as expressões do amor, típicas da cortesia, aduzem, constantemente, a idéia de um *amor* que não se realiza. A dama da corte estava sempre apta a negar ou mesmo a esnobar as declamações e expressões amorosas dos poetas ou trovadores, que esperavam da “dama de seus pensamentos”, inacessível por definição, sempre colocada em um “lugar demasiado alto [...] um só beijo, um só olhar, uma só saudação”. (ROUGEMONT, 2003, p. 125).

Tendo isso em vista, pode-se inferir que com tais práticas os trovadores introduziram novas relações entre homens e mulheres, quer dizer, ao elaborarem a noção do amor cortês, que, em matéria amorosa, foi a grande invenção do século XII, eles resignificaram as relações entre os sexos. É interessante notar como *este estilo de amar* reproduzia as condições sociais existentes, quer dizer, traduzia quase um *serviço*

do tipo feudal, no qual as relações de vassalagem eram transportadas para as práticas amorosas. Assim, “de joelhos”, os trovadores “juram eterna fidelidade, tal como se faz a um suserano” a suas amadas. (ROUGEMONT, 2003, p. 103).

Portanto, o amor cortês oferecia em suas significações uma exaltação carnal e espiritual feita pelos trovadores e destinada às damas da corte. Era uma exaltação mais idealizada do que vivenciada. Esse sentimento oferecia, ainda, imagens sobre a submissão do amante à sua amada, nas quais se celebrava, em muitos casos, a continência sexual. Para merecer a eleita, os trovadores manifestavam o valor de seu amor escrevendo poesias e músicas, e para isso, “cada um escolhe a esposa de um senhor a quem consagra seus versos. A dama era posta em um pedestal, enquanto o homem se esforçava por ganhar seus favores”. (DEL PRIORE, 2005, p. 70).

Em suma, o amor na Idade Média apresentava certas significações que permitiam distinguir o amor cortês de outras formas ou expressões de *amor*. Isso porque na sociedade de cortesia esse ideal estava relacionado a dois aspectos que o caracterizam, a saber: a) relação do sofrimento com o amor, que denuncia a renúncia da concretização da relação amorosa, pois no amor cortês “a felicidade está na aceitação da própria renúncia”; b) laicização do objeto amado, na qual se evidencia uma supervalorização da mulher: “a imagem da dama, da senhora, passa a substituir o lugar de Deus como objeto do desejo”. (COSTA, 1998, p. 40).

Não obstante, outras expressões amorosas marcarão presença na Europa nos séculos XII, XIII e XIV. É o que se vê a seguir.

Pertinácia de manifestações “amorosas” nos séculos XII, XIII e XIV

Manifestações amorosas enunciadas na Europa no final do século XII e começo do século XIII distinguiam-se por certas peculiaridades. Segundo autores que se dedicaram a estudos da vida privada, Duby (1990) e Chartier (1991), por exemplo, afirmam que essas manifestações ou declarações eram uma prática que exigia dos amantes o mais completo sigilo, isso porque a ninguém era dado o direito de conhecer a relação amorosa que, a todo custo, deveria ser dissimulada e mascarada.

Nesse sentido, tais estudos anunciam que elas só poderiam ser feitas em lugares secretos, longe da vista de todos. Um dos lugares escolhidos pelos amantes, como demonstrou Duby (1990, p. 504), era a floresta, lugar considerado isolado e propício a encontros amorosos ou “daqueles que a paixão transportava fora do senso, na desmedida”. Os amantes tinham, pois, a obrigação de comunicar e expressar o *amor* de ambos no mais absoluto segredo. A eles cabia a competência de dissimular o que sentiam.

Comunicar o sentimento exigia silêncio, sendo necessário que os amantes se comunicassem por sinais, gestos e olhares trocados, dado que “a lei de amor é calar-se”.

Aquele que deseja conservar seu amor por muito tempo intacto deve zelar antes de tudo para que ele não seja divulgado a ninguém, e mantê-lo oculto aos olhos de todos. Pois se várias pessoas começam a dele ter conhecimento, ele deixa imediatamente de se desenvolver e conhece o declínio. Os amantes não devem de maneira nenhuma dirigir-se mutuamente sinais, salvo se estiverem seguros de estar ao abrigo de toda cilada. (DUBY, 1990, p. 515).

Entretanto, um século mais tarde, o XIV, conforme Chartier (1991), a comunicação e a expressão de sentimentos amorosos poderiam ser feitas a amigos, antes de serem divulgadas à amada. Por conseguinte, os laços de amizade exerciam, nesse período, papel importante, visto que era confiada aos amigos a expressão de *sentimentos amorosos*.

Se estabelece relações de amizade, o indivíduo sente-se obrigado, por esta mesma amizade, a confiar ao amigo o pequeno inventário de seus atos ou de seus pensamentos intensamente apaixonados provocados pelos calores do corpo. (CHARTIER, 1991, p. 234).

Ainda na Europa do século XIV, existiam práticas recorrentes entre os *apaixonados* que funcionavam, também, como uma forma de comunicar e declarar o *amor*; refere-se ao que se denominava *troca de lembranças*, a qual dizia respeito ao intercâmbio de pequenos objetos, que eram trocados pelos amantes. Ou seja, era comum dar lembranças ou presentes à pessoa amada, pois essa era uma forma de expressar a identidade de quem os dá e de quem os recebe. (CHARTIER, 1991).

A expressão e a comunicação de *sentimentos amorosos* poderiam ser feitas, portanto, a partir da troca de *presentes de amor*, que incluíam pentes, fitas, anéis, braceletes, lenços, pequenos espelhos, colares de pérolas, cintos e ligas. Esta era uma prática tão difundida que chegou a produzir um espaço de trocas identificado como “mercado dos artigos de intimidade”. Os presentes eram, assim, formas de significar o *amor*; eram meios através dos quais se comunicava que se gostava ou se amava alguém, conforme constata Chartier (1991, p. 249): “o homem apaixonado oferece à amada seu anel ou uma de suas fitas e em troca recebe um laço ou um lenço”.

Outro tipo de *presente de amor*, bastante difundido no século XIV, era o *pequeno retrato*. Os retratos eram utilizados pelos *apaixonados* como uma forma de *dizer o amor*, pois os *retratos-miniaturas* eram presenteados pelos amantes, que passavam a guardar a imagem do(a) amado(a) *para sempre*. (CHARTIER, 1991).

No entanto, além dos presentes e dos discursos poéticos registrados na época, que focalizavam os locais do encontro amoroso e a beleza do corpo feminino, havia ainda outra forma de expressar o *sentimento amoroso*: “as cartas de amor íntimas”. A esse respeito, Duby (1990, p. 247) anuncia: “palavras como ‘coisa’ e signos secretos como estrelas, que designam uma parte do corpo ou um ato sexual, estão presentes em cartas de amor banais ao lado de êxtases sobre cupidos”.

As cartas de amor eram bastante valorizadas pelos amantes, estes as tinham como relíquias, que eram guardadas com muito carinho, como nos aponta o mesmo autor: “as cartas de amor são portadas como talismãs, numa bolsinha de couro pendurada no pescoço”. Funcionavam, assim, como um veículo que tinha a capacidade de expressar a emoção amorosa ao outro. Eram valorizadas tanto entre os homens quanto entre as mulheres, visto que “um homem lendo uma carta significa amor (...). A dona que recebe uma carta do amante coloca-o no seio, junto ao coração, e assim o amante fica intimamente presente em seu espírito”. (DUBY, 1990, p. 274).

Por fim, a exaustão das expressões amorosas, nas descrições precedentes, parece ter um local comum: a Europa do século XII ao XIV. Mas e as expressões do *amor* no Brasil?

Expressões de “amores” e “paixões” brasílicas

No período colonial brasileiro, os primeiros encontros *sexuais* de que se tem registro foram entre os colonos portugueses e as índias, sendo registro comum aquele que aponta a existência de uma “atração incontida que os colonizadores pareciam sentir pelas índias”. (SOUZA, 1997, p. 229). Esses encontros - não se deve deixar de registrar, implicavam relações de dominação e poder que não excluía a violência física e os estupros.

À parte a tal assertiva, tem-se, por outro lado, registros de que as representações e expressões sobre os *afetos* e *amores*, no Brasil Colônia, foram fortemente influenciadas pela vida rural, pela ausência de bibliotecas e escolas, pelo escravismo e pela formação de famílias mestiças, portadoras de costumes diversos, que, conforme demonstrou Del Priore (2005, p. 22), “tingiram de cores específicas” os costumes *amorosos* do Brasil nesse período.

De igual modo, a falta de privacidade nas *relações amorosas brasílicas* marcou e influenciou o comportamento amoroso no Brasil colonial. Conforme Del Priore (2005, p.23), a escassez da população e a baixa densidade demográfica dos povoados e vilas contribuíram para a ausência de privacidade: até porque “as casas de outrora ensejavam pouquíssimas oportunidades de vivências privadas. Vizinhanças de parede-meia, cafuas cobertas de capim, casas senhoriais repletas de agregados, escravos e parentes”.

É nesse sentido que os encontros amorosos eram conhecidos por todos, dada a vigilância que as pessoas mantinham entre si. A preocupação da população com comportamentos sexuais desviantes deixava todos em alerta, para denunciar e delatar à Igreja e ao Tribunal do Santo Ofício os amantes que se envolvessem em atos de promiscuidade.

Outro aspecto que se pode destacar no século XVII e XVIII, no que diz respeito às *relações amorosas brasileiras*, era a prática do que se denominava concubinato. Quer dizer, “o fato de um homem manter em sua casa alguma mulher que dele engravidasse, não sendo com ela casado e desde que a mesma fosse livre”. (SOUZA, 1997, p. 236).

O concubinato guardou íntima relação com a escravidão, quer negra, quer indígena. Portanto, a escravidão, não raro, implicava a possibilidade do concubinato,

“de chamegos entre amos e cativos”. (SOUZA, 1997, p. 234). Algumas dessas relações eram *afetuosas*, embora não dispensassem a violência e a coação típicas do sistema. Desta forma, o concubinato moldava as relações amorosas extraconjugais da Colônia. Essas relações foram estabelecidas, num primeiro momento, entre portugueses e índias, especialmente senhores e escravos.

Quanto ao casamento no período colonial, século XVIII, estes eram bastante raros e somente restritos aos membros da elite. A imensa maioria da população vivia mesmo em concubinato ou em relações consensuais, apesar da igreja condenar essa prática. Para as elites, o casamento era uma forma de acumulação de patrimônios, “na visão da igreja, não era por amor que os cônjuges deviam se unir, mas sim por dever; para pagar o débito conjugal, procriar e, finalmente, lutar contra a tentação do adultério”. (DEL PRIORE, 2005, p. 28).

Em outras palavras, o casamento, no período colonial, tinha relação com interesses patrimoniais e era estabelecido entre pessoas da mesma posição social. Em geral, eram casamentos entre brancos que “deixavam os amores e deleites para o mundo dos tratos ilícitos”. (SOUZA, 1997, p. 238). Assim, os homens casavam com brancas e mantinham, também, relações sexuais com escravas cativas, com as quais estabeleciam o concubinato.

Em contrapartida, uma marca registrada dos *amores e afetos* no Brasil foi o controle da sexualidade por parte da Igreja, para a qual o “sexo por prazer” era (e ainda é) uma prática condenável, até porque o sexo lícito era restrito exclusivamente à procriação, sendo os beijos também considerados pecados graves, da mesma forma que “apertar a mão de uma mulher e beliscá-la”. (DEL PRIORE, 2005, p. 33).

Existiam, no Brasil Colônia, alguns poucos lugares que eram considerados propícios a encontros amorosos. A igreja foi consagrada como um lugar para namoros, contudo, para namoros entre os brancos. Assim, foi em meio à missa e ofícios divinos que se iniciaram “muitos flertes e namoros, quando não adultério”. (SOUZA, 1997, p. 258). É nesse sentido que Souza observa

Nas igrejas, portanto, brotavam romances. E nelas, muitas vezes, se abrigavam os amantes [...] Abrigo de amantes, a igreja logrou converter-se,

em certas circunstâncias, num dos raros espaços privados de conversações amorosas e jogos eróticos, os quais envolviam nada menos que os próprios confessores. (SOUZA, 1997, p. 260).

Assim, as missas do século XVIII, no Brasil, “eram animadas por toda a sorte de risos, acenos e olhares furtivos” (DEL PRIORE, 2005, p. 42). Essas se tornaram um espaço possível para os amantes se encontrarem e trocarem *expressões de amor*, ou seja, era possível aos amantes trocarem palavras de “amor, cartas e conversações ilícitas [...] nos recolhimentos, convento, capelas e igrejas”. (SOUZA, 1997, p.261).

Por fim, para dar término a esta sessão, é, ainda interessante registrar as influências portuguesas nas condutas amorosas brasileiras daquele período. Ou melhor, os portugueses, por sua vez, trouxeram do Velho Mundo suas formas de vivenciar o *amor*. Por essa razão, encontramos como práticas correntes no Brasil Colônia, estratégias de sedução típicas de Portugal, a exemplo do “namoro do bufarinheiro” e “namoro do escarrinho”. (SOUZA, 1997).

O denominado “namoro do bufarinheiro”, segundo Souza (1997, p. 265), consistia em uma prática pela qual “os homens passavam a distribuir picadelas d’olhos e a fazerem gestos sutis com as mãos ou boca para as mulheres que se postavam à janela, suspirantes em dias de procissão religiosa, como se fossem eles bufarinheiros a anunciarem seus produtos”. Nesta mesma linha, tem-se o “namoro do escarrinho”, um costume luso-brasileiro dos séculos XII e XVII, segundo o qual “o enamorado punha-se embaixo da janela da moça e não dizia nada, limitando-se a fungar à maneira de gente resfriada, ao que se poderia seguir, fosse a declaração correspondida, uma cadeia de tosses, assoar de narizes e até cuspidelas”.

Considerações finais

Conforme se reiterou, ao longo deste trabalho, através de registros de diferentes formas e modos de expressão do *sentimento amoroso*, o amor é, em suma, um ideal socialmente fabricado e, evidentemente, um empreendimento humano. De forma que não apresenta nem caráter universal e nem natural, conforme ele se inscreve no *imaginário social*. Sendo uma invenção de homens e mulheres que criam, interpretam e

simbolizam suas práticas sexuais e afetivas, o amor é revestido de uma série de representações e significações bastante distintas quando se observa diferentes culturas e épocas.

A atração entre os sexos é um fenômeno encontrado em todas as culturas de que se tem conhecimento, mas a idéia de *amor* sofre modificações. O conceito de amor, tal qual se expressa na cultura ocidental, não existe, por exemplo, na China. Segundo Rougemont (2003, p. 439), o verbo amar só é empregado entre os chineses para definir as relações entre mãe e filhos. Desse modo, “o marido não ama a mulher: tem afeição por ela, mais ou menos”. Contudo, isso não significa que entre os chineses não existam expressões amorosas, provavelmente há, só que não tais quais os ocidentais as conhecem.

Finalmente, tratar a expressão da emoção enquanto um construto social é-se pertinente, na medida em que a afetividade humana, ao menos à primeira vista, pode parecer tão-somente de ordem orgânica, ou então algo fixo da *natureza dos homens*. Desse modo, não apresentando influências das condições sociais, a afetividade pareceria ser, para muitos, algo inato, imutável e eterno. É importante reiterar, a emoção amorosa passa por um processo de formação sócio-cultural. Trata-se de uma aprendizagem social. E é neste sentido que podemos perguntar como La Rochefoucauld (apud ROUGEMONT, 2003, p. 240): “Quantos homens se apaixonariam se nunca tivessem ouvido falar de amor?”

ⁱ Para os propósitos desse trabalho consideramos o ideal amor romântico como sendo o credo amoroso dominante. De prestígio cultural incontestável, apresenta-se como uma das condições para se obter a felicidade em uma relação a dois. Foi instituído social e historicamente como um sentimento universal e natural, além de se apresentar como algo ‘incontrolável pela força da vontade’ (COSTA, 1998). Caracteriza-se, grosso modo, pela idealização temporária do ‘objeto amado’, pela liberdade de escolha do(a) parceiro(a) e pela auto-realização.

Referências

- BOTTÉRO, Jean. Tudo começou na Babilônia. **Revista L’Histoire/Seuil**. Porto Alegre: L&PM, 1992. Edição especial: Amor e sexualidade no Ocidente.
- CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3**. SP: Companhia das Letras, 1991.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: um estudo sobre o ideal de amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

-
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.
- DUBY, Georges. **História da vida privada 2**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.
- PAZ, Octávio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PLATÃO. **O Banquete**. Lisboa: Edições 70, 2001. (Clássicos gregos e latinos).
- ROUGEMONT, Denis. **A história do amor no Ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- SOUZA, Laura de Melo. **História da vida privada no Brasil 1**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.